



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

Mídias e história

Sonia Alem Marrach

Como citar: MARRACH, S. A. Mídias e história. *In:* DAL RI, N. M. ; MARRACH, S. A. (org). **Desafios da educação do fim do século**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2000. p25-34. DOI: <http://doi.org/10.36311/2000.85-86738-12-3.p25-34>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

MÍDIAS E HISTÓRIA

Sonia Alem MARRACH¹

O século XIX é conhecido como o século da história. E o século XX como o do fim da história. Mas a história não acabou. Parece que o que mudou foi a idéia de tempo. A modernidade transpôs as barreiras do tempo natural nas asas dos jatos, transformou tempo em dinheiro e investiu no atual. O passado tornou-se velho e o velho, obsoleto. A sociedade do consumo, da ciência, da técnica e das mídias promove o presente e perde a memória que se desenvolveu nas comunidades e sociedades tradicionais. A perda da memória coloca a necessidade de que a história e o trabalho do historiador lembra em o que os outros esqueceram. A história foi parte importante do currículo das escolas francesas do século XIX. Por sua força cívica, a disciplina teve lugar especial no projeto político- pedagógico da burguesia francesa em ascensão, disposta a difundir os valores democráticos e liberais numa época em que, apesar dos desvios inevitáveis, democracia, liberdade, fraternidade não eram mistificações desfiguradas como nesta nossa época de globalização, guerras e desemprego. A crescente importância dos conhecimentos científicos e tecnológicos é acompanhada de uma erosão da cultura humanística, da qual a história é parte, e da banalização da própria história e da indiferença com relação aos valores democráticos conquistados.

A universidade contemporânea perdeu os vínculos com cultura humanística e se massificou, deixando-se adaptar às demandas econômicas, técnicas e administrativas. Embora ciência e cultura humanística coexistam no interior da universidade, não há comunicação entre elas. É como se fossem dois mundos diferentes e separados.

Desvinculada da cultura humanística, a ciência se especializa cada vez mais, faz progressos sem levar em conta os grandes problemas da humanidade, sem levar em conta a questão do destino do homem e da sociedade, sem levar em conta a República, a Liberdade, a Fraternidade, a Democracia, a Felicidade...

¹ Departamento de Administração e Supervisão Escolar da Faculdade de Filosofia e Ciências - Unesp- Campus de Marília - 17525-900 - SP.

Esta última palavra, até parece que foi esquecida! Mas “ciência sem consciência é a ruína da alma”, diz François Rabelais.

Refletindo sobre a questão, para Edgar Morin, o grande desafio do intelectual contemporâneo é questionar a ciência, o progresso, a racionalidade técnica, as tecnologias. O progresso técnico-científico está promovendo o desemprego e a regressão da democracia. Por isso, propõe uma reforma do pensamento e dos estudos universitários, fundada na interdisciplinaridade e na comunicação entre ciência e humanismo, com o objetivo de revitalizar a Democracia, a Liberdade, a República, a Solidariedade...

Embora, atualmente já não seja possível reestabelecer o vínculo existente no passado, entre ciência e humanismo, como no tempo de Rabelais, por outro lado, é possível e é preciso uma reforma do pensamento, para que a ciência e o humanismo voltem a se tocar e a se comunicar profundamente.

A cultura humanística revitaliza as obras do passado, é uma cultura geral que, através do romance, do ensaio, da filosofia, da história, coloca os problemas fundamentais da humanidade para a reflexão. A cultura científica valoriza o presente, suscita elaboração teórica, porém é incapaz de refletir sobre os grandes problemas da humanidade, o devir da sociedade.

Nesta nossa época de pouca reflexão, em que tempo é dinheiro e ninguém tem tempo para pensar porque o negócio é investir no presente, no instante, no agora, os meios de comunicação de massa fazem um papel muito importante. As mídias são produtos do mesmo processo de desencantamento do mundo que engendrou o que Weber chama de capitalismo ocidental. O que as distingue das outras organizações burocráticas é que nelas a violência simbólica se assenta no fascínio do meio. O desenvolvimento das organizações que produzem cultura é concomitante ao processo de desencantamento do mundo e perda do sentido. As mídias vêm preencher o vazio do mundo desencantado com seu fascínio. O fascínio surge onde o sentido é nulo, mas outros sentidos podem ser produzidos, vendidos e consumidos. É o caso dos 500 anos do Brasil. De repente a história está na ordem do dia, assim como de repente Fernando Collor se tornou um caçador de marajás e de repente foi feito presidente da República e de repente foi impedido. E de repente lux é melhor que raxona. Os sentidos podem ser consumidos e vendem-se sonhos.

Mas a crítica apocalíptica não vai longe. Os meios de comunicação de massa são organizações de produção da cultura moderna – a primeira cultura planetária, mundializada, que afeta quase toda a humanidade. Humanidade que nada tem a ver com os humanistas do Renascimento que tinham tempo de ler, pensar, refletir, fazer poesia, filosofia. As chamadas mídias são os meios de comunicação de homens e mulheres premidos pelas engrenagens do trabalho e da correria do cotidiano em que o tempo é dinheiro. A comemoração dos 500 anos do Brasil, assim como a do bicentenário da Revolução Francesa, em 1989, apesar de vulnerável às manipulações, promove uma demanda coletiva da história, estimulando a leitura de livros, revistas, cadernos jornalísticos, filmes e CDs dedicados à história.

Os meios de comunicação têm um importante papel na vida cotidiana. Eles enfatizam o peso do presente, do imediato, o agora, o instante. Lembram o passado, como acabamos de dizer, na época das comemorações. Os 500 anos são como uma festa. Quase esquecemos as dores da opressão colonial. A memória está imbuída no agora do presente e, por isso, a escolha e a interpretação do passado têm prolongamentos políticos e sociais no presente.

Nossa época se inclina para o presente. E há uma coisa duradoura que os meios de comunicação promovem, a saber, o que Pierer Nora (1977) chamou de “retorno do fato”. Duas guerras mundiais, revoluções, rapidez das comunicações, colonização, descolonização, globalização, penetração intensa das economias das superpotências nas ex-colônias, que foram integradas à racionalidade e à historicidade ocidental. Para Nora (1977), essa “expansão da história” característica do século XX, fornece à nossa época a “circulação generalizada da percepção histórica”, que culmina num novo tipo de fato histórico, *événement*. É o fato bombástico, acontecimento rápido, que surge no contexto jornalístico do final do século XIX, feito do presente histórico e do sentimento (ilusório ou não) da participação das massas na vida social e política. O Caso Dreyfuss é, para a França, o primeiro acontecimento moderno; irrupção de imagem saída do ventre da sociedade industrial, cujos exemplares a indústria da notícia reproduz incessantemente.

Este novo tipo de acontecimento surge, portanto, na conjunção do desenvolvimento da imprensa e da formação de uma classe média de leitores

formados pela difusão do ensino público. O desenvolvimento dos meios de comunicação de massas criou as condições de existência desse tipo de acontecimento extraordinário e explosivo, contribuiu para acentuar a inclinação de nossa época para o presente; contribuiu com um retorno do fato. Fato do presente, colado ao mundo atual. As mídias, com suas câmaras e microfones colados à realidade imediata e instantânea, criam uma intensa curiosidade de saber do agora, do momento. E difundem a idéia de que tudo que é passado é velho e obsoleto, como o jornal do dia anterior.

É interessante observar uma estranha e significativa coincidência ocorrida na França oitocentista. De um lado, o acontecimento presente explode nas manchetes de jornais, cheio de novidades, instigando a curiosidade das massas para os fatos da vida política de que são feitos a História do Presente. Do outro lado, os historiadores positivistas esforçam-se para criar uma escola histórica/científica, preocupada exclusivamente com o estudo do passado, completamente separado do presente, e entendido num encadeamento contínuo dos acontecimentos, como se as guerras e revoluções pudessem ser aprisionadas no contínuo da história.

A história colocada na camisa de força positivista foi para a escola. Este é um fato do ensino da história em nossa época de *événement*. As lembranças do ensino de história de jovens e adultos de nossa época são lembranças de uma história chata e enfadonha, de um ensino vazio, cheio de questionários, formulários, decorebas, com lições entediantes e repetições desinteressantes. Ironias do ensino: *Cuidado, Escola! O jornal não entra na sala de aula. E o presente não é história!*

Mas do ponto de vista da produção historiográfica, o retorno do fato revigorou a história contemporânea, que até meados século XIX vivia à sombra da história moderna. Surge a *história imediata*. No caso Dreyfuss, no Escândalo Watergate, o trabalho do historiador converge para o campo jornalístico. Porém o movimento que interessa ao historiador situa-se para além ou aquém do burburinho e escândalo. A diferença é de escuta. O historiador busca processos nem sempre visíveis, ecos sem alaridos, harmonias e ressonâncias significativas que marcam temporalidades descontínuas com ecos de continuidade. O caso Dreyfuss, o Escândalo Watergate interessam ao

historiador não pelas atribuições e avatares dos atores envolvidos. Mas pelas transformações sofridas pela democracia representativa no contexto da sociedade do espetáculo e dos meios de comunicação de massas, em que a política passa pelo filtro de câmaras e microfones e as massas participam da vida pública através do espetáculo das mídias.

Será que a história, aberta e interdisciplinar do presente pode acender na ciência uma chama de curiosidade de cultura humanística, pode favorecer a comunicação entre as questões teóricas da ciência e a preocupação com os grandes problemas da humanidade e da sociedade?

Não nos referimos à velha história do passado, contada como contas do rosário, à moda positivista, mas à história nova, como empresa de análise e interpretação, capaz de estabelecer um diálogo entre passado e presente, com olhos no futuro. Esta história pode contribuir com a reforma do pensamento proposta por Morin, com a recriação do vínculo entre ciência e humanismo?

Um rápido olhar para o movimento editorial, para a indústria do livro e para as publicações no Brasil e no exterior, mostra um aumento do número de publicações sobre história. Um crescente interesse pela história, desde biografia, livros-reportagens, até história da arte, passando pelas chamadas outras histórias e as histórias políticas e histórias do cotidiano, da cultura, além do sucesso da História da Vida Privada...

Assim, na sociedade contemporânea, a cultura universitária perde sua ligação com a cultura humanística para se adequar às demandas da administração, do mercado e da cultura de massas, e o ensino da história se congela no mundo dos receituários e dos questionários. Por outro lado, é preciso lembrar que a cultura de massas, dado o seu apego ao presente e aos fatos da atualidade, favorece o que Nora (1977) chamou de "retorno do fato". E promove o desenvolvimento do gosto pela história colada ao mundo atual, mas capaz de descortinar o passado para pensar no futuro.

Saber aproveitar de modo crítico, porém não apocalíptico, a relação da cultura de massas com os fatos do mundo atual, com o presente, para pensar numa nova forma de abordar o passado e de ensinar a história, parece ser uma tarefa fundamental do historiador contemporâneo.

A julgar pelas tristes recordações dos estudantes de história, pelo menos uma coisa é certa. Não se pode ensinar história como *decoreba*. História não é memória nem memorização dos fatos. Nossa época não tem memória e, talvez por isso, tenha história.

Enquanto as sociedades tradicionais desenvolvem a memória, entrelaçando o ensino da história à memória, em narrações de feitos heróicos dos antepassados da comunidade, a modernidade não tem memória. Mas isto não significa que não tenha história. Ao contrário, vivemos numa atmosfera de fatos e notícias. O jornal é “oração matinal do homem contemporâneo”. E o historiador, conforme Hobsbawm (1992), existe para lembrar o que os outros esqueceram.

Na modernidade, a história enquanto ciência da interpretação dos fatos aparece no lugar da memória coletiva tradicional. Neste sentido, a história deixa de ser crônica, narração e passa ser ciência, empresa de análise, interpretação metódica dos fatos, como a de Hobsbawm ou a história nova, elaborada por Marc Bloch e Lucien Febvre e recriada por Le Goff, Duby, entre outros.

Trabalhando com abordagens historiográficas diferentes e divergentes, esses historiadores apontam algumas convergências fundamentais da história de nossa época. O apego ao fato imediato desenvolveu a possibilidade de se fazer uma profunda análise histórica do presente, periodizando uma história que tem o tempo de nossa vida, como escreveu Hobsbawm (1992) em sua lúcida interpretação do Breve Século XX.

Para Jacques Le Goff, os fatos propostos pelas mídias podem servir à reflexão e à análise do historiador. Os fatos jornalísticos, televisivos, podem ser considerados como pontas de um iceberg. Partindo do presente, o historiador vai escavando as sucessivas camadas de passado, relacionando o fato ao passado e ao presente, pensando no momento atual da sociedade e no seu devir. Ele pode descobrir pontas entre o passado e o presente, propondo novas correlações entre esses dois tempos. No jogo da temporalidade histórica, o que está acontecendo (processo atual) tem origem pretérita e têm ecos no presente, anunciando o que está por vir.

O historiador não é um antiquário, não se aproxima do passado simplesmente porque passou. Ele é um homem ou uma mulher do presente, que estuda o passado para melhor compreender seu tempo. E, por compreender seu tempo, o historiador compreende a cultura do *événement* difundido pelos meios de comunicação de massa e dela tira proveito para seu ofício. O *événement*, é preciso evidenciar, não significa apenas fato da atualidade imediata, ou simplesmente do presente. Mas fato apreendido coletivamente no contexto dos meios de comunicação de massas, fato jornalístico, com caráter performático. Remete à presentificação dos fatos. Isto é, a idéia de se trazer o passado para o presente, seja tomando o fato atual como ponta de iceberg para discutir seu passado, seja através um um programa de TV sobre a Descoberta da América ou sobre os 500 anos do Brasil, em que um acontecimento do passado é recontextualizado nos dias de hoje. *Importa reter que o conceito de événement remete à presentificação histórica, à idéia de trazer acontecimentos passados para o contexto cultural da sociedade contemporânea.*

É aqui que entendemos a *contribuição do historiador, que traz o passado para o presente e lembra o que os outros esqueceram, para melhor entender a situação dos indivíduos e grupos sociais no mundo atual.* Nas palavras de George Duby:

A função da História mudou. Durante muito tempo, a História ocupou-se da justificação ou crítica do poder. Na Idade Média, a Igreja era o poder; fazer história significava referir-se à conquista do paraíso. No século XIX, cabia sustentar o sonho de uma sociedade perfeita através da revolução ou lutar contra as tendências revolucionárias. Hoje, os historiadores sabem que o melhor é manter-se o mais longe possível do poder. Responder aos cidadãos com o que eu sei sobre a Idade Média pode ajudá-los a entender a sua situação no mundo atual e a melhor abordar os problemas existentes. (Duby, 1998, p. 36)

Eis a contribuição de historiadores como Duby, Michelle Perrot, Jacques Le Goff, Roger Chartier: trazer experiências do passado para o presente, temas-problemas da Idade Média, da Antiguidade, do século XIX para os dias atuais, através de novos e instigantes livros de história. Livros de história escritos com a técnica da entrevista jornalística. Isto é, feitos com base em entrevistas

realizadas por Jean Lebrun com cada um destes historiadores. E fartamente ilustrados graças à pesquisa iconográfica de Anne Soto.

Assim, podemos perguntar: o que o *medo* dos homens e mulheres do ano 1000 tem a ver com o *medo* no 2000? Talvez, mais do que possamos imaginar. No século XII, por exemplo, a miséria atingia boa parte da população. Mas a sociedade medieval, embora rígida e hierárquica, era amplamente fraternal, tinha instituições que protegiam os miseráveis. O mesmo não aconteceu com os desabrigados da cidade de Londres destes nossos dias, em que o individualismo venceu a solidariedade. E a busca da liberdade individual e pública procura vencer o medo da miséria, da violência, da dor e da opressão dos tempos modernos.

E a mulher, como conseguiu participar da vida pública?, pergunta Lebrun à Michelle Perrot. Um fato importante da nossa época é a emancipação da mulher. Ser homem público é uma honra. Mas ser mulher pública é uma vergonha. No entanto, em que pese o medo da expressão desonrosa, diz Perrot, a mulher ingressou na vida pública através da educação, da aprendizagem, da leitura. Ela foi a grande leitora do romance do século XIX. Sabendo ler e escrever, ela pôde ensinar as crianças, teve acesso à leitura dos jornais, dos livros, à informação. Tornou-se professora, jornalista etc. Entre os séculos XIX e XX, houve uma mutação completa na condição da mulher. Ela aprendeu a reivindicar seus direitos e a participar da vida pública, tendo uma parte ativa na história do alfabetismo, da leitura, na formação da opinião pública, atuando com liberdade de movimento e abertura para o mundo.

A difusão da instrução pública, a escola, o livro, o romance, enfim a educação, a informação, o jornal, os meios de comunicação de massa, as novas tecnologias da informação tiveram e têm um papel fundamental nas lutas pelas liberdades públicas e democráticas. Por isso, para Chartier, quando nos interessamos pela história da produção dos significados, a grande questão é “compreender como as limitações são sempre transgredidas pela invenção ou, pelo contrário, como as liberdades de interpretação são sempre limitadas.” (Chartier, 1998 p. 19)

Esta afirmação de Chartier nos ajuda a pensar os riscos e os impactos dos meios de comunicação e da revolução eletrônica na cultura universitária e no trabalho do historiador.

O advento de novos meios de comunicação não elimina os antigos. Mas os modifica. Os livros acima citados têm a forma da entrevista jornalística e cultivam o moderno gosto da imagem difundido pelas mídias. Mas com uma diferença. Enquanto as imagens apresentadas pela TV são, via de regra, prontas, acabadas, indiscutíveis, as imagens desses livros, sejam elas de um quadro, de uma gravura ou iluminura, são imagens abertas no sentido que Umberto Eco atribui ao termo, imagens artísticas, ambíguas, que precisam da interpretação do leitor. Em outras palavras, são livros que convidam a duas formas simultâneas e interdependentes de leitura, a da escrita e a da imagem.

Referências Bibliográficas

- CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp, 1998.
- _____. et. al. *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- DUBY, G. *O medo*. São Paulo: Unesp, 1998.
- FREIRE, P., GUIMARÃES, S. *Diálogos: comunicação*. São Paulo: Cortez, 1981.
- HOBSBAWM, E. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- KRAVETZ, M. *Os jornalistas fazem a história: história e nova história*. Lisboa: Teorema, 1986.
- LACOUTURE, J. A História imediata. In: LE GOFF, J., CHARTIER, R, (Orgs.) *A nova história*. Coimbra: Almedina, 1978.
- LE GOFF, J. Entrevista. In: SILVA, J. M. (Org.) *Visões de uma Certa Europa* Porto Alegre: Edipucrs, 1998.
- LE GOFF, J. *Nova história*. Coimbra: Almedina, 1978.
- MORIN, E. *Cultura de massas no século XX*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

MORIN, E. *Reforma universitária*. (Artigo disponível na Internet)

NORA, P. *História: novos problemas, novos objetos e novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

PERROT, M. *Mulheres públicas*. São Paulo: Unesp, 1998.